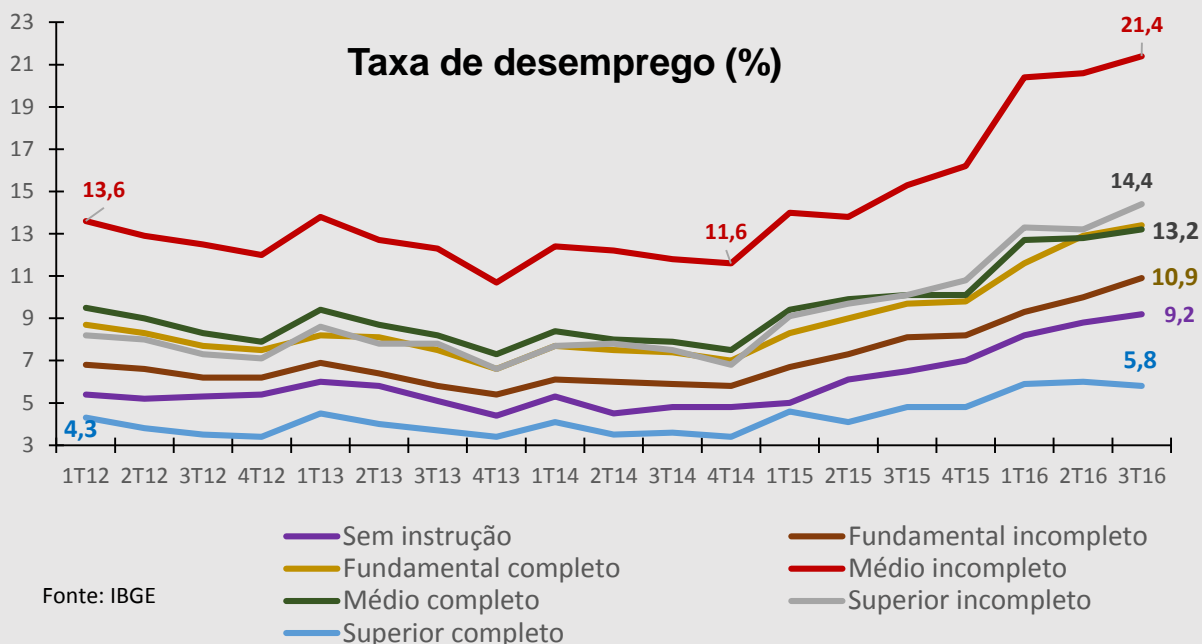


Disparidades nas taxas de desemprego por nível de instrução.



A taxa de desemprego do terceiro trimestre do ano - que ficou em 11,8%, o equivalente a 12,0 milhões de pessoas - cresceu em todas as grandes regiões do país, na comparação com o mesmo período de 2015.

Os dados mostram que a taxa mais alta de julho a setembro deste ano foi a da região Nordeste, onde passou de 10,8% para 14,1%, entre o terceiro trimestre de 2015 e o deste ano – o equivalente a uma elevação de 3,3 pontos percentuais. No Sudeste, onde está concentrado o maior número de pessoas empregadas, a taxa subiu de 9% para 12,3%, 3,3 pontos percentuais a mais que o resultado no trimestre do ano anterior; na região Norte, o desemprego aumentou de 8,8% para 11,4%; no Centro-Oeste, de 7,5% para 10,0%; e no Sul, de 6,0% para 7,9%.

Por nível de instrução, a pesquisa mostrou, no terceiro trimestre de 2016, que mais da metade dos ocupados no Brasil tinha concluído pelo menos o ensino médio (55%), 18,2% tinham nível superior e 28,5% não haviam terminado o ensino fundamental.

O gráfico acima mostra a taxa de desemprego por nível de instrução desde o primeiro trimestre de 2012, quando começou a divulgação da Pnad contínua. Um aspecto bastante perceptível é que o aumento da taxa de desemprego foi muito mais intenso para os trabalhadores com níveis mais baixos de qualificação.

No relatório anual sobre educação da OCDE, Education at a Glance 2016, que analisa 44 países, entre eles o Brasil, mostra que taxa de desemprego em 2015, entre pessoas que não concluíram o ensino médio (12,4%). é quase o triplo da taxa entre pessoas que terminaram o ensino superior (4,9%). Até o ano de 2014, essa razão para o caso brasileiro é próxima da média obtida pela OCDE. Entretanto, a partir do primeiro trimestre de 2015 há um ponto de inflexão, onde, praticamente, todas as taxas de desemprego começam a subir.

Notadamente, os trabalhadores com nível de instrução intermediária apresentaram taxas de desemprego muito mais elevadas. Provavelmente, esse descolamento está relacionado com o ajuste no mercado de trabalho do setor de serviços: segundo dados do CAGED, entre 2005 a 2014, esse setor apresentou, em média, saldos positivos de emprego formal da ordem de 570 mil pessoas por ano. Em 2015, o saldo foi negativo (317 mil), assim como no acumulado do ano até setembro de 2016 (193 mil pessoas).